ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 8 DE OUTUBRO DE 1899 N.º 802 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 8

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Annuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 RÉIS

1.º Anno

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Acaba de sahir a lume a decantada reorganisação do exercito e, embora não tenhâmos lido ainda as ordens do exercito, fizemos, pelos jornaes, a idéa bastante d'aquelle trabalho para confessarmos que esperavamos melhor coisa do sr. ministro da guerra.

Era assente, entre todos os militares, o prejuizo que resultava da divisão dos regimentos. Suppunham, pois, todos, que o sr. ministro da guerra, que tanta coragem teve para arrostar com a opposição parlamentar e extraparlamentar, a tivesse tambem para arrostar com a berrata de meia duzia de terras, que viessem a ficar sem regimentos ou fracções de regimentos.

Ou bem que se é, ou *bem que se não é*. Ou o sr. ministro da guerra queria fazer uma coisa a valer, e fazia-a, ou, para fazer remendos, não fazia coisa nenhuma.

Na infanteria, por exemplo, havia quatro regimentos separados em dois batalhões, um em cada terra. O inconveniente que d'isto resultava era manifesto, tanto para a disciplina, como para a administração, como para a instrucção. A acção do coronel chegava sempre esbatida ou quebrada ao segundo batalhão. Sendo um imperioso principio tactico que os exercicios das unidades se façam sempre com o maximo numero de effectivos, nos batalhões separados era e é impossivel o exercicio de batalhão, mesmo no effectivo minimo, e quasi impossivel tambem o proprio exercicio de companhia, em effectivo minimo tambem. Com os licenceamentos do costume, é difficil n'um regimento de infanteria arranjar o numero sufficiente, na epocha da instrucção, para um exercicio de companhia, numero que só se consegue com os impedidos, quanto mais n'um batalhão separado.

Ora não contesta o sr. ministro da guerra, nem ninguem, que seja a instrucção o elemento capital dos exercitos. Logo, não tem sua excellencia desculpa em vir aggravar o mal que já existia.

O que se diz da infanteria, diz-se da cavallaria. A falta dos effectivos é a mesma em todas as armas. De maneira que a instrucção dos esquadrões separados dos regimentos ha de ser sempre nulla. Além d'isso, o sr. ministro da guerra collocou um dos capitães d'esses esquadrões em situação de nunca exercer commando, o que é prejudicialissimo debaixo de todos os pontos de vista.

Na vida militar acontece o contrario do que acontece nas aulas de meninos. N'estas, quanto menor fôr o numero dos alumnos mais aproveita a instrucção. N'aquella é o contrario. E' preciso que os effectivos sejam grandes para que os quadros possam aprender. E' indispensavel que os quadros commandem para que possam saber.

Tambem ninguem sabe a que principio obedeceu o sr. ministro da guerra para metter Aveiro na 1.ª divisão, Bragança na 2.ª e a Covilhã na 4.ª Da mesma fórma ninguem percebe que alto plano levou o sr. ministro da guerra a destacar para Thomar um batalhão d'um regimento que fica com séde em Valença do Minho!

Emfim, foi tudo feito, como sempre, ao sabor das conveniencias. De que menos se tratou foi dos interesses do exercito.

Pois as bases apresentadas pelo sr. ministro da guerra tinham vantagens, que sua excellencia, que é um homem intelligente e bem intencionado, escusava muito bem de prejudicar com as ultimas determinações.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição

Abre ámanhã este importante estabelecimento de ensino.

O Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de que é directora a sr.ª D. Rosa de Moraes, incontestavelmente uma senhora de fina educação e talento, tem imprimido aquella casa de educação o que ha de melhor no seu genero, podendo dizer-se que é quasi um dos primeiros Collegios do paiz.

O REVERENDO FERNANDES

REVERENDISSIMO.

Antes de mais nada convém dizer que o christianismo não tem originalidade nenhuma. Vossa reverendissima, reverendo doutor Moliço, não saberá isto. Não deixa, por isso, muita gente de o saber; não deixa o erro, por isso, de estar provado ha muito.

Lá existiu na Asia occidental (Julien Vinson—*Les Religions Actuelles, Leurs Doctrines, Leur Évolution, Leur Histoire*) o homem no estado de innocencia; lá existiu a serpente tentadora; lá houve a guerra entre os deuses e os anjos maus; o peccado do Deus Zu roubando as insignias da soberania a seu pae Elu adormecido, prototypo da lenda de Cham e de Noé; a historia de Izdubar a quem o sábio Hasisadra conta como se passou o grande diluvio, em que as terras foram invadidas pelas aguas, morrendo tudo, excepto elle Hasisadra, que, por ordem de Chamas, mandou construir um grande navio, onde se metteu com a familia e um certo numero de animaes (lá ia o camello, antecessor de vossa reverendissima); o diluvio durou sete dias; ao setimo dia o amigo Hasisadra soltou uma pomba, mas a pombinha não achou onde pôr pé e voltou; amigo Hasisadra soltou uma andorinha, mas a andorinha não foi mais feliz do que a pomba; amigo Hasisadra soltou então um theologo, isto é um corvo, e o corvo, encontrando carne humana, não voltou; os habitantes da arca concluem d'ahi que as aguas já desappareceram e põem-se ao fresco tambem, depois de levantarem um altar onde sacrificam qualquer coisa para que se não repita o tal diluvio, que, todavia, tinha sido para elles uma grande patuscada.

Já vê vossa reverendissima, sábio doutor Moliço, que a vossa *religião redemptora da humanidade* não passa d'uma grandissima intrujice. Os pantomineiros dos judeus foram buscar á Asia, á velha Asia, todas as suas historietas e, elles, primeiro, e os christãos, depois, impingiram-n'os tudo como fazenda de boa qualidade, de fresca data e em primeira mão.

Depois, é preciso que vossa reverendissima se convença de que S. José não teve nada de commum com o barão do Carrapitalinho aqui d'Aveiro, nem a Virgem Maria foi parecida em coisa alguma com a mulher do Antão. Querer por força que o S. José tivesse carrapitos, como quer vossa reverendissima e mais theologos, lá isso abobora. Muito má lingua temos nós, mas ainda não chegámos a injuriar mulheres honestas, nem a chamar nomes feios a homens de camisa lavada e cabeça limpa, como vossa reverendissima e mais defensores da religião redemptora da humanidade.

S. José foi mas foi um grande garanhão, precisamente o contrario do nosso Carrapitalinho que se contenta em vêr, a tocar corneta, os gallos do poleiro. Está claro, toca corneta quando o gallo galla, como a musica nos toiros quando o toireiro espeta as bandarilhas.

Segundo o auctor do livro atraz citado, o senhor Julien Vinson, que não é uma besta como vossa reverendissima, a palavra José é *Yôçêp*, que quer dizer *multiplicador*. Ora o pae de Jesus estava na conta, porque se fartou de fazer filhos. Quer dizer, esse é que se podia chamar em verdade o *pae dos pobres*.

Não contente d'uma grande filharada, o carpinteiro da Nazareth casou em segundas nupcias, já velho, com uma rapariga da sua condição, Maria, *Myriâm*, que quer dizer *gorda, forte*, e com esta foi mais feliz, porque d'ella, ao que parece, só houve um filho, Jesus. Mas, apezar de nova e casada com um velho, não é tal verdade que se tivesse mettido de gorra com o Espirito Santo. Essa calumnia é vil, reverendissimo. Nem a pobre *Myriâm* sabia andar em *tandem!* Ao contrario, era uma boa dona da sua casa, honesta, recatada, tratando dos feijões e da filharada do velho com zelo e carinho. Era boa esposa e boa mãe, que só teve o defeito de fazer do filho Jesus um mimalho, o qual, por isso mesmo, veio a ser duro e ingrato com a familia, *comme tous les enfants gâtés*, na phrase sã do senhor Julien Vinson, que, tornamol-o a repetir, está muito longe de ser, reverendissimo, uma besta.

O que o senhor Julien Vinson não é é nada amoravel com Jesus, a quem chama pouco menos de valdevinos. Diz que elle não ia á escola, que passava o tempo a brincar e a jogar o sôco com os garotos na rua, levando mais do que dando, e pondo-se na pireza a paginas tantas para uma vida d'aventuras.

Lá que elle não era nenhum santinho, isso é verdade. Chamam-lhe o cordeirinho manso, mas não. Ainda ahi, honra lhe seja, não se parece nada, como o pae não se parecia, com o João dos Carrapitos, que é quem trata d'essa historia de carneiros e cordeirinhos mansos. Este sim; este é que é, reverendo Fernandes, um carneirinho manso. Cante-lhe lôas e faça d'elle o symbolo redemptor de certa humanidade, se quizer, que nós então não protestamos.

Nem era carneiro, nem cordeiro, nem manso, o Jesus. Temos ahi outra calumnia e outra intrujice da *redemptora*. Ao contrario, embora elle levasse porrada dos garotos quando era pequeno, como affirma Vinson, certo é que depois de homem foi um homem.

«Eu não vim trazer a paz á terra; eu vim trazer a espada, eu vim trazer o fogo e quanto mais depressa ella arder tanto melhor.»

«De futuro, n'uma casa de cinco pessoas haverá tres contra duas e duas contra tres.»

«Quem deixar por mim a sua casa, as suas terras, os seus irmãos, as suas irmãs, a sua mulher ou os seus filhos receberá desde esse momento o centuplo em casas, em terras e em parentes. Muitos que eram os ultimos serão os primeiros e muitos que eram os primeiros serão os ultimos.»

«Será mais facil a um camello passar pelo fundo d'uma agulha que a um rico entrar no reino dos céos.»

«Não se deve lançar aos cães o pão dos filhos de Israel.»

«Desgraçados de vós, hypocritas, sepulchros enbranquecidos, bellos por fóra mas cheios de immundicie por dentro, serpentes, raça de viboras, que parecendo homens justos sois iniquos, desgraçados de vós que não evitareis a gehenna! Sobre vossas cabeças cahirá e do povo que enganaes todo o sangue derramado desde Abel até Zacharias.»

E' uma terrivel propaganda revolucionaria. E' um movimento popular, patriotico, contra os ricos, contra os phariseus, contra as classes exploradoras e dominantes. E' a bandeira da revolta, hasteada e mantida com mão firme, por quem sabe morrer fiel aos seus principios e ás suas crenças, não obstante as traições e as deserções dos partidarios, e n'isso está o grande merito de Jesus.

Mas o que resultou d'ahi? Mas o que succedeu depois?

«Diz-nos a historia como se desvirtuou uma revolução ao mesmo tempo religiosa, civil, economica, moral e familiar.

Ah! como estão longe as reivindicações primitivas do christianismo!» (Charles Malato—*Révolution Chrétienne et Révolution Social.*)

«O christianismo, em Roma como na Judeia, foi um movimento de proletarios. Não são nunca os felizes e os poderosos que fazem as revoluções.

E' preciso lembrarmo-nos de que o christianismo, quando o quizermos julgar, levou tres seculos a constituir a sua doutrina; de que se desenvolveu, durante esses tres seculos, no meio das civilisações antigas, em Roma, na Grecia, em cidades povoadas de sophistas, de argumentadores de profissão, no meio d'uma atmosphera toda cheia das tradicções dos philosophos e das luctas das escolas; de que se impregnou de todas essas emanações e de que foi d'esse modo que elle a pouco e pouco se constituiu. Não ha gerações espontaneas politicas e sociaes. Menos que qualquer outro, o christianismo não tem o direito de reclamar uma philosophia nova, porque, na realidade, não a possue. Não fez mais do que desenvolver, levar até consequencias extremas, ainda cheias de reticencias e de contradicções, as doutrinas philosophicas que Roma pedira emprestadas á Grecia. O christianismo é neto de Platão e de Zenon com cruzamento de judaismo. Ah! antes Epicuro e Aristoteles houvessem triumphado em logar d'elle!» (Yves Guyot—*Études sur les Doctrines Sociales du Christianisme.*)

«O grande acontecimento d'este globo é a victoria de Salamina, a victoria eterna da Europa sobre a Asia. Facto d'um alcance immenso, deante do qual tudo desapparece. Lemos e relemos, sem nunca nos cançar, Plateia, Marathona, Salamina, sempre com enlevo, sempre com o mesmo impeto de alegria. E não sem motivo. E' alli que está o nosso nascimento. *Levantámo-nos então*, como diz o Cid. E' a era d'onde parte o espirito europeu—digamos o espirito humano, na sua liberdade soberana, na sua força d'invenção e de critica—espirito salvador do mundo: a sua victoria sobre a Asia assegurou a luz com que foi esclarecida a propria Asia. A Grecia tão pequena fez mais do que todos os imperios. Com as suas obras immortaes, deu a arte que as fez, a arte sobretudo de creação, de educação, que faz os homens. Ella é (é o seu grande nome) o *povo educador*. Tal foi a sua força de vida que, passados dois mil annos, depois da longa edade de chumbo, basta uma sombra ligeira, um longinquo reflexo da Grecia para fazer a Renascença. Pouco foi preciso para sahir da sombra espessa, do eclipse total da Edade Média. Alguns fragmentos espalhados, algumas folhas de livro carunchosas, uns troncos de estatua que se tiraram da terra... A humanidade estremeceu... Com as duas mãos agarrou o marmore mutilado... Tinha-se achado a si propria. Era muito mais que qualquer obra de arte: era o coração que voltava, a força, o poder, a audacia, a liberdade, a livre energia inventiva.» (Michelet—*Bible de l'Humanité.*)

Ouviu, reverendo? Ahi tem Vinson que lhe diz, como Renan, como Müller, como Letourneau, como todos os que preferiram estudar a repetir absurdos, que as lendas, os mysterios, os dogmas do christianismo não teem originalidade nenhuma. Ahi tem Guyot a affirmar-lhe, e muito bem, que a philosophia do christianismo foi toda inspirada e estudada na philosophia pagã. E Guyot lamenta que em vez d'aquella não triumphasse esta! Ahi tem Michelet a cantar o espirito pagão como o grande educador do mundo, como o grande clarão da humanidade, illuminando-a até na Renascença.

Mas não é tudo, reverendo doutor Moliço. Falta muito que dizer. E havemos de dizel-o. Não por vossa reverencia, que é uma besta. Mas pelo publico, o grande publico, ao qual vossa reverencia forneceu esta occasião de ouvir alguma coisa de proveitoso e util.

Até domingo.

Desastre e morte

Em Macedo de Cavalleiros deu-se ultimamente um desastre que deixou na maior consternação os habitantes d'aquella villa.

Foi que, estando a fogueteira Anna Costa a preparar uns bonecos de fogo para certo arraial, e descuidando-se no preparo de uma substancia inflammavel, esta explodiu e arremessou a desventurada a uns 20 metros de altura, segundo d'alli dizem, deixando-lhe o corpo inteiramente despedaçado.

Cartas d'Algures

4 DE OUTUBRO.

As falsas idéas de liberdade e de piedade que o romantismo, já pelos seus exageros, já pela sua má comprehensão, introduziu no espirito dos ignorantes, e a desorientação, produzida por uma moderna propaganda de socialismo declamadora e banal, arrastaram a sociedade portugueza a este estado presente de semi-anarchia em que a vêmos, confundindo a licença com a liberdade e a mandrice com a emancipação.

Em Portugal raros são os que teem noções exactas de democracia politica e muitos menos os que saibam alguma coisa de democracia social. E, n'estas condições, a assimilação faz-se mal, quando se faz, em sentido errado. e mesmo contraproducente. As multidões, com a cabeça cheia de palavras ôcas, com a tendencia nata que tem o homem para a mandrice, para o luxo, para a fidalguia e para a vida solta, vão perdendo os habitos de obediencia, de trabalho, de modestia; as classes dirigentes, tão ignorantes como o povo, no geral, com as mesmas tendencias que elle tem, não só transigem com os defeitos de baixo como os avolumam e aggravam.

Este mal é profundo no nosso paiz porque o temperamento portuguez, além do nosso estado de civilisação e de progresso ser dos mais inferiores da Europa e da America, se presta a elle muito bem. Entre nós não ha disciplina nenhuma. A propria disciplina militar precisa, quando existe, de ser implantada no exercito pelos estrangeiros. Assim foi com o conde de Lippe, assim foi com Beresford, assim ha de ser hoje, porque não obstante todas as cantatas, assalariadas ou inconscientes, o exercito portuguez não tem disciplina.

E' espirito de bondade? E' brandura de costumes? Não; é ignorancia, é falta de educação antes de tudo; e, depois, é inercia, é fraqueza de temperamento.

A disciplina não exclue a bondade; pelo contrario, impõe-a. Quando ha energia em exigir o dever, ha energia em manter o direito. Quando ella falta, por cada infracção que deixa de ser castigada, commettem-se mil atropêllos aos interesses e aos direitos do infractor. A negligencia no castigo é triplicada na recompensa.

Em Portugal não ha disciplina nenhuma. Por conseguinte não ha justiça, não ha direito, não ha ordem, e sem estes tres *barbicachos* não ha existencia social possivel, emquanto o homem não chegar á perfeição que requer o anarchismo.

Por outro lado, não sendo o povo portuguez muito estupido, tenta assimilar, tenta egualar os povos mais adeantados, mas faltando-lhe a base, que é a instrucção, essas tentativas ou dão um resultado deploravel, ou são estereis. Succede-lhe como a um estudante, que entra nos cursos superiores sem saber, ou sabendo muito pouco, o curso dos lyceus. O desgraçado quebra a cabeça a estudar e não dá uma para dentro, ou se, por *fas* e por *nefas*, consegue *diplomar-se*, fica um d'esses muitos doutores burros que nós conhecemos.

A sociedade aveirense reflecte, melhor do que nenhuma outra sociedade local, este estado do paiz. Em primeiro logar, as tendencias para o luxo são espantosas n'essa terra. Eu nunca vi coisa que, mesmo de longe, se parecesse com isso em Portugal.

Na primeira carta, que escrevi para o *Povo de Aveiro*, referi-me a uma das mais salientes manifestações d'esse luxo, a bicycleta. Por signal que foi motivo da heroicidade do barão do Carrapitalinho. Ora muita gente julgou que era uma caturrice minha embirrar com a bicycleta. Pois não. Não embirrei nem embirro com o traste. Até o acho muito conveniente e muito commodo, como acho muito conveniente e muito commoda uma carruagem. Mas segue-se d'ahi que toda a gente deva ter carruagem?

Ha muita gente que tem posses para a bicycleta e que as não tem para a carruagem; mas ha muita gente tambem que não tem posses para uma coisa nem para a outra. E, assim como seria um acto de dissipação, um luxo extravagnnte ter carruagem aquelle que só póde ter bicycleta, assim é o mesmo acto de dissipação, o mesmo luxo extravagante ter bicycleta aquelle que não póde ter coisa nenhuma. E em Aveiro, diga-se a verdade sem rodeios e sem receios, mais de dois terços dos que possuem esse traste não teem meios para elle, nem teem necessidade d'elle. E' um acto de luxo, é uma extravagancia, que merece todas as reprovações e censuras. Uma bicycleta custa cem mil réis, termo médio,—as boas custam mais—tem despezas attendiveis de conservação e eu vi-a nas mãos de homens e mulheres que mal ganham para comer, uns, e que devem mais do que possuem, outros, perseguidos pelos credores a cada canto, cheios de dividas até aos olhos.

Isso é uma tremenda immoralidade, meus senhores. E não se revoltem contra mim por lhes dizer esta verdade, como se revoltou o João do Carrapitalinho. Não digam que esses actos são actos da vida particular e que eu não tenho nada com elles. Não se equiparem com o do Carrapito. Que eu, por mim, juro-lhes que, ao escrever isto, não talho a carapuça para ninguem em especial. Para ninguem. Affirmo, em absoluto, uma verdade. Defendo, em absoluto, um principio de moral. Combato uma louca extravagancia, seja quem fôr que a pratique, ou meu filho, ou meu irmão, ou meu tio, ou meu sobrinho, ou meu conhecido, ou meu desconhecido, ou meu amigo, ou meu inimigo.

Eu vi dezenas e dezenas e dezenas de bicycletas em Aveiro. Quem lêr isto, que não seja d'ahi, ficará pasmado. Pois é verdade. Dezenas, dezenas e dezenas. Não vi uma duzia em mãos de quem as possuisse por necessidade. Para todos um objecto de recreio, de pandega, de luxo. Ora eu nada tenho que dizer a respeito dos que possuem recursos monetarios para conservar esse luxo. Para esses, —salvo as femeas, das quaes falarei na devida altura—nem acho mesmo que seja um grande luxo, uma grande extravagancia. Só lhes vejo o inconveniente do exemplo, do contagio, que é terrivel. Mas aos que não teem recursos para essa patuscada, é meu duplo dever dirigir-lhes censuras, já pelo castigo que merece sempre a immoralidade, já porque d'esse castigo póde resultar não cahirem todos no mesmo abuso.

E julgam que é isto moral antiga? Julgam os ignorantes, esses patacoadas que eu vejo por ahi a falar sobre tudo sem saberem nada, que estou empregando a philosophia dos estoicos? Pois enganam-se. Aqui tenho eu defronte de mim um bello livro, escripto por um socialista dos mais distinctos, F. S. Nitti, professor da Universidade de Napoles, livro que se intitula—*La population et le Système social*—editado ha dois annos ainda, em que o seu auctor gasta paginas e paginas a citar e a censurar as despezas superfluas e inuteis, as extravagancias de toda a ordem a que se entregam pobres e ricos. Por isso eu digo que um dos grandes males d'este paiz em geral—e de Aveiro em particular—é ter a cabeça cheia d'idéas de liberdade e de emancipação sem conhecer nada dos processos para adquirir, manter e guardar essa emancipação, essa liberdade. São uns reles imitadores sem consciencia. São uns pedantes sem sciencia.

«O luxo, na sociedade actual, não produz só a inveja, mas uma emulação doentia, mesmo entre aquelles que não estão nos casos de tomar parte n'essa especie de *steeple-chase;* é d'ahi que vem essa concorrencia de vaidades, essa lucta raivosa que eleva facticiamente o nivel do *standard of life*, produzindo um mal estar geral e ameaçando mesmo a existencia da sociedade.

Naturalmente, por effeito d'essa terrivel lei da imitação que nenhuma sociedade chega a evitar, o povo não póde subtrahir-se á influencia do contagio, e, quando a riqueza augmenta, sente muito menos a necessidade de participar nos bens ideaes da civilisação e da cultura intellectual, que o de imitar as classes ricas nas suas despezas improductivas e prejudiciaes, nas despezas que lisonjeiam a vaidade e augmentam os gozos sensuaes.»

Por isso eu dizia, tratando da questão restricta das bicycletas em Aveiro, que só via no uso que os ricos fazem d'esse objecto o inconveniente do contagio. Os ricos devem ser moderados nas suas ostentações e nos seus luxos e as classes dirigentes de Aveiro não teem dado ao povo senão exemplos de dissipação e orgia, afastando-o d'esses bens ideaes da civilisação, d'essa cultura intellectual de que fala Nitti. Mas o que é certo é que é impossivel exigir do rico a abstenção completa do luxo só por attenção á falta de senso dos pobres. Estes que tenham o bom senso de vêr até onde chega a força dos seus recursos economicos.

O grande mal está muito menos no exemplo dos ricos, a que Nitti se refere, do que na transigencia dos jornalistas e publicistas que, por imbecilidade, uns, e pela torpe especulação a que se refere Max Nordau, outros, não censuram a immoralidade nem a insensatez, antes adulam e incitam os preconceitos e a paixão das multidões.

E voltaremos a este assumpto na proxima carta.

A. B.

De Brunhido, onde se achava em goso de férias, regressou a esta cidade, o nosso amigo José Casimiro da Silva, professor official da Escola da Vera-Cruz.

A PESTE

Continúam a ser pouco animadoras as noticias que veem do Porto.

O sr. dr. Ricardo Jorge, que pediu a demissão, por se reconhecer sem força para fazer frente á guerra que lhe movem, voltou, parece, a continuar na sua faina. Mas este incidente veio demonstrar que não parou a selvageria que tem deshonrado o Porto.

A verdade é esta: o Porto está perdendo toda a sua auctoridade e prestigio com as brutalidades que vergonhosamente se veem praticando alli. Essa vergonha correu mundo e é hoje do dominio de todas as nações. Ora parece impossivel!

Os proprios espiritos cultos do Porto devem estar indignados com as selvagerias e brutezas que a maioria d'aquella cidade pratica desde o começo da epidemia. Bem sabemos que o governo tem feito muita tolice. Mas isto não justifica os actos da população do Porto.

O governo tem feito muita tolice, isso tem. Ainda agora lemos nos jornaes de Vizeu que os soldados de infanteria 9, infanteria 23 e cavallaria 10, que adoecem no cordão, baixam ao hospital regimental de infanteria 14. Ora nada mais natural do que os soldados levarem comsigo a peste, que atravessou o cordão em Bajuim, como se sabe, e assim espalharem-n'a com toda a facilidade em Vizeu. A peste tem uns poucos de dias de incubação. Os soldados, que baixam ao hospital de Vizeu, podem leval-a comsigo antes que os medicos a possam diagnosticar.

Toda a gente supporia que o governo mandaria montar hospitaes provisorios annexos ao cordão. Pois não. Até manda baixar ao hospital militar de Vizeu soldados de regimentos que não pertencem á divisão com séde n'aquella cidade.

Póde-se dizer que um governo, que procede d'esta fórma, salvaguardou o paiz da invasão pestifera? E' sério, isto? Vale alguma coisa um cordão sanitario em taes condições? As medidas do governo contra a peste não são uma farça, como aliás todas as medidas d'este governo e a proposito de tudo?

Mas diga e rediga o Porto isso, que tem razão. Receber, porém, com chufas, com ameaças, com brutalidades os medicos e outros agentes de saude, é revoltante.

Seja, porém, o que fôr e como fôr, o caso é que a epidemia não diminue e que nos termos em que as coisas vão são muito de receiar maiores desgraças, tanto mais quanto é certo ser geral e profundo o relaxamento. E' vêr Aveiro, onde ninguem faz caso de coisa nenhuma, nem camara municipal, nem governador civil, nem ninguem. A camara municipal diz que não tem dinheiro, sem se lembrar que a saude publica está acima de tudo e de que são estes casos extremos que justificam os recursos extraordinarios e os sacrificios. A Santa Casa, que anda a comprar terrenos em más condições, para edificios muito problematicos ainda, não se peja de confessar que não tem lençoes para o hospital dos pestiferos, nem dinheiro para os comprar. Não tem dinheiro para lençoes e tem-o para terrenos onde se ha de construir, sabe Deus quando! um supposto edificio para hospital. E' unico!

O sr. governador civil completa a trempe não executando as posturas municipaes, nem fazendo caso de coisa nenhuma. Já não teria sua excellencia grande desculpa em não empregar o seu valimento para que o governo désse a esta pobresa franciscana ao menos o dinheiro necessario para os decantados lençoes. Consentir sua excellencia, além d'isso, que os porcos voltassem todos á *primeira fórma*, é o cumulo da mangação e do desprezo.

Sempre a eterna impostura d'este paiz!

Para lançar poeira nos olhos do publico fingiu-se em Aveiro, nos primeiros dias apoz a noticia da peste no Porto, que se varriam as ruas, que se faziam esvasiar as cloacas, limpar as capoeiras e expulsar os porcos. Dias depois estavam as ruas sujas e as cloacas cheias, os porcos de dois pés andavam á solta e os de quatro pés recolhiam aos seus primitivos aposentos.

Que grandissima pouca vergonha!

Ainda por causa da trepa no padre não podemos dar este numero o folhetim completo.

Os nossos leitores que lh'o agradeçam.

TEMPORAES

Em alguns pontos do paiz tem-se feito sentir, com mais ou menos violencia, grandes trovoadas, acompanhadas de chuvas torrenciaes, beneficiando os campos, que se encontravam resequidos com a ultima estiagem.

Em Aveiro tambem tem chovido copiosamente.

---

(8) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO IV

Tendo uma pequena mesa deante de si, com os calcanhares sobre a travessa da cadeira, com as faces encovadas,—o que lhe dava aos queixos a apparencia de um quebra-nozes—, e os olhos meio fechados, Wamba não deixava passar nenhuma occasião propicia para exercer as suas funcções de bobo.

— Essas treguas com os infieis, exclamou elle sem se importar de interromper o altivo templario, fazem de mim um velho.

— Como é isso, doido? perguntou Cedric com ar de quem ia gostar de ouvir a resposta.

— E' porque eu já me lembro de se terem feito tres no meu tempo, cada uma das quaes devia durar cincoenta annos; de modo que, por esse calculo, eu devo ter pelo menos cento e cincoenta annos.

— Apezar d'isso, eu garantovos que não morrereis de velhice, disse o templario, que reconheceu então o seu amigo da floresta; e que não morrereis d'outra morte a não ser da violenta, se vos acontecer mais vezes guiar os viajantes como fizestes esta noite ao prior e a mim.

— O quê, patife! bradou Cedric, transviar os viajantes! tu merecias açoutes; porque és pelo menos tão malicioso como doido.

— Perdão, nosso dono, respondeu o bobo; deixae por esta vez que a loucura proteja a malicia. Eu commetti um erro em confundir a minha mão direita com a esquerda; mas precisa de ser perdoado de um erro maior quem toma um doido por um guia e conselheiro.

A conversação foi interrompida pela chegada do guarda da porta, o qual annunciou que um forasteiro solicitava hospitalidade.

— Deixa-o entrar, disse Cedric, seja elle quem fôr. Uma noite de tempestade como esta obriga os proprios animaes a juntarem-se uns aos outros e a procurarem a protecção do homem, o seu mortal inimigo, de preferencia a perecerem pelo furor dos elementos. Dêem-lhe tudo aquillo de que elle precisar. —Oswaldo, toma isso a teu cuidado.

E o copeiro deixou a sala para cumprir as ordens de seu amo.

V

> Um judeu não tem olhos? Um judeu não tem mãos, orgãos, sentidos, affectos, paixões? Não se sustenta dos mesmos alimentos que um christão? não é ferido pelas mesmas armas, sujeito ás mesmas doenças, curado pelos mesmos remedios, aquecido e arrefecido pelo mesmo verão e pelo mesmo inverno?
>
> MERCADOR DE VENEZA.

Quando voltou, Oswaldo disse ao ouvido de seu amo: E' um judeu que diz chamar-se Isaac de York. E' conveniente que o traga para a sala?

— Diz a Gurth que desempenhe as tuas funcções, Oswaldo, disse Wamba com a sua petulancia habitual; um guardador de porcos é o apresentante proprio de um judeu.

— Santa Maria! exclamou o abbade, persignando-se, um judeu incredulo admittido na nossa presença!

— Um cão de judeu, disse o templario como um ecco, approximar-se de um defensor do Santo Sepulchro!

— Por minha fé, disse Wamba, parece que os templarios gostam mais da herança dos judeus do que da sua companhia!

— Silencio, meus dignos hospedes, disse Cedric; a minha hospitalidade não deve ser limitada pelas vossas antipathias. Se o céo supportar uma nação inteira de infieis obstinados durante mais annos do que póde contar um leigo, nós podemos bem supportar a presença de um judeu durante algumas horas. De mais eu não obrigo ninguem a converser ou a comer com elle. Dêem-lhe uma meza aparte e

NO TRANSWAAL

Já deve ter rebentado a guerra a estas horas. E, pela propaganda insistente que as *Novidades* veem fazendo a favor da Inglaterra, ha *coisa* que nos vae obrigar ou póde obrigar a intervir na questão anglo-transwaliana. Pois, ao menos para que se não diga que sômos todos os mesmos, convém protestar energicamente contra as tentativas palacianas. Ahi teem os dois cabelleiras da Republica uma excellente occasião para dizerem tolices. Tantas vezes as teem dicto com prejuizo, que as podem dizer uma vez ao menos com vantagem. E todas as tolices que ponham o povo de sobre-aviso contra os manejos dos palacianos escravos da Inglaterra, são uteis.

Dizem as *Novidades* que não temos interesse nenhum em defender o Transwaal. Pois ninguem pede que o defendam. O que se pretende é que o não ataquem.

Accrescentam as *Novidades* que as nações devem fazer politica pratica e não politica de sentimento. Pois politica pratica é abstermo-nos de servir os interesses dos outros com prejuizo dos proprios. Ora Lourenço Marques está perdida em todos os casos e circumstancias. A unica coisa sensata era ter vendido aquillo em occasião opportuna. Aquillo e mais alguma coisa. Quem tivesse juizo veria muito a tempo a impossibilidade de manter, no decorrer dos tempos, a possessão de Lourenço Marques e outras. E não faltaram occasiões de se poder vender aquillo por bom dinheiro. Não venderam, uns porque eram parvos, outros porque tinham medo, outros porque diziam que não tiravamos utilidade alguma do producto da venda porque o dinheiro ia logo desapparecer na voragem dos desperdicios, das estravagancias, dos roubos—e sob esse ponto de vista estes tinham razão—agora é deixar ir pelo menor custo. E o menor custo é não ir sacrificar vidas nem dinheiro n'uma possessão que ha de ser fatalmente ingleza.

Esta é que é a politica pratica. Quem vamos nós servir a Lourenço Marques? Portugal? Não; é a Inglaterra. Não vamos trabalhar pelos interesses portuguezes, é pelos interesses inglezes.

Então deixemos correr as coisas á mercê de Deus, que é o melhor.

Esta é que é, nas alturas a que nos levou a parvoiçada nacional, a unica politica pratica.

E' uma politica desgraçada, concordamos. Mas do mal, o menos.

O que não tem remedio, remediado está.

E teem a palavra os cabelleiras da Republica.

Previsão do tempo

Eis o que diz Escolastico a respeito do tempo provavel que fará na primeira quinzena do mez de outubro:

Dias 7 e 8—As chuvas tornar-se-hão extensivas a Portugal e sul da França, tornando-se borrascoso o Atlantico.

Dias 9 a 11—Este periodo distingue-se pela continuação do temporal com grandes borrascas nos nossos mares.

Dias 12 a 14—Distingue-se este periodo pelo bom tempo em geral, ainda que excessivamente frio.

Dia 15—N'este dia começa outro periodo de chuvas, apparição de neves nas altas cordilheiras, precursoras das que cahirão na segunda quinzena.

LEÃO XIII

Lê-se no *Diario Popular*:

«A nova encyclica do Papa, afóra os conselhos doutrinarios tão nitidamente expostos na primeira parte, contém indicações precisas sobre assumptos politicos, sobrescriptadas ao episcopado e ao clero francez.

Leão XIII, cujo espirito conserva uma admiravel frescura e lucidez, percebe que as suas anteriores instrucções formaes não teem sido seguidas como deviam sel-o. Elle nunca perdeu occasião de lembrar aos padres e aos fieis que não ha incompatibilidades de nenhuma especie entre o catholicismo e a republica. E, comtudo, tirante alguns bispos e a parte mais instruida do baixo clero, não faltam fanaticos que tomem sobre si *esquecer* os ensinamentos da Santa Sé.

Assim é que, a despeito dos prelados, se tem desenvolvido por intermedio da imprensa clerical uma propaganda meio reaccionaria e meio demagogica. Ora, Sua Santidade dizia, e bem, na encyclica *Rerum novarum*, que os padres deviam approximar-se do povo, dos operarios, que soffrem, amparal-os, esclarecel-os, ajudal-os a fundar sociedades, commissões de soccorro e de emprego, mas deixava subentender que este zelo devia ser acompanhado de descripção e de pureza. Para que o Santo Padre o relembre ainda hoje, é preciso que os abusos commettidos por certos immoderados hajam inquietado muito a Santa Sé. Leão XIII visa a remediar o mal pela displina. «Abstende vos de lêr as suas brochuras e os seus jornaes. Essas brochuras e esses jornaes mediante os quaes se quiz fazer mal á republica, acabam, com effeito—e o Papa não o ignora—por voltar contra a egreja, em bloco, o rancor de grande numero de republicanos. As consequencias d'este estado de alma podem ser muito graves para a egreja.

D'este modo, a nova encyclica constitue uma especie de programma geral para a educação dos membros do clero e para a sua missão sacerdotal. Recommenda Sua Santidade, a dignidade aos methodos de predica e de acção, de par com uma sabia adaptação aos progressos do tempo. Com a sua grande presença de espirito e a sua sabedoria. Leão XIII chama á ordem os delinquentes. Será ouvido d'esta vez?»

Pois sim. O papa bem quer, que é intelligente. Mas a clericalha arrebita as orelhas e nem ao papa obedece.

Olhem de que raça elle é!

Quando o papa recommendou, ha tempos, pela primeira vez, obediencia aos governos constituidos, um *janota* qualquer, n'um jantar presidido n'esse dia por uma alta personagem feminina, que protege abertamente a clericalha em Portugal, applaudia muito a orientação papal, accrescentando que, na verdade, os padres deviam obediencia aos governos constituidos.

— Menos aos governos republicanos, conclue em tom irritado a alta personagem feminina.

Hein?!

Festa na Costa Nova

Festeja-se hoje na Costa Nova o Santo Amaro. Para esse fim parte hoje de manhã uma das phylarmonicas d'aqui, que vae aquella praia abrilhantar a festa.

Consta-nos que tem illuminação, fogo, descantes populares, bailes, etc, etc.

Se o tempo o permittir é possivel que afflua áquella praia grande numero de forasteiros.

Quem pechincha no meio de tudo isto é o nosso velho amigo José Vieira, que n'este dia arranja uma boa *maquia*. Que lhe preste.

FÓCOS DE INFECÇÃO

Referimo-nos ha tempos n'este jornal á grande immundicie que se agglomerava na viella de S. Pedro, de que resultava uma exhalação nauseabunda, não só aos habitantes d'aquella rua—que são os primeiros, diga-se a verdade, a concorrer para que a dita viella não esteja em estado de limpeza—mas tambem para os transeuntes que teem de passar por alli com o nariz tapado.

Ora isto é uma das poucas vergonhas que se não toleram; demais no centro da cidade e n'uma occasião tão critica que vamos atravessando.

E' possivel que o sr. Commissario de policia ainda não tenha dado por tal, porque se o tivesse, já teria dado as ordens para que tal abuso se não repita.

*

Como este ha por ahi mais em identicas condições. Ha ourinoes que é impossivel lá entrar, tal é a porcaria que lá depositam. Ora devem concordar que n'uma occasião d'estas um relaixamento d'esta ordem é um crime.

Providencias, senhores, providencias.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

Aos nossos assignantes

Expedimos já recibos de assignaturas para todas as localidades onde ha estações de cobrança. Aos nossos assignantes, porém, de Alquerubim, Arada, Barra, Costa do Vallade, Esgueira, Oliveira do Bairro, Palhaça, Sarrazolla, S. Bernardo, Alquerubim, Arada, Barra, Costa de Vallade, Esgueira, Oliveira do Bairro, Palhaça, Sarrazolla, S. Bernardo, Eixo, Avanca e Oliveirinha, onde não ha estações de cobrança, pedimos o favor de mandarem pagar as suas assignaturas á administração d'este jornal.

A conspiração em França

O Alto Tribunal de Justiça contiuua a estudar os documentos que se referem á conspiração orleanista.

O presidente da commissão senatorial de instrucção recebeu uma delegação de advogados encarregados da defesa dos reus.

Os defensores disseram que, em seu entender, se devem dividir os processados em quatro grupos: quer dizer, grupo de Déroulède e dos seus amigos, grupo dos anti-semitas, grupo de monarchicos, e grupo dos accusados que se encontram em liberdade provisoria.

Os trabalhos de instrucção vão muito adeantados. Os interrogatorios já começaram, sendo o primeiro interrogado Déroulède que não quiz responder ás perguntas que lhe foram feitas, reservando-se para a audiencia publica.

Ao que se affirma, tanto o presidente Loubet, como o governo e a propria maioria do senado, estão resolvidos a envidar todos os esforços para que á data da Exposição esteja terminada toda a profunda agitação politica que tem convulsionado a França inteira.

PARA ENTRETER

OLÁ! PST! PST!

Ninguem cáia em ir comprar,
Se é pessoa de juizo,
Senão ao *Manuel Maria*
Tudo o que lhe fôr preciso.

Tem vinho fino e bolachas,
Conservas e bom Bairrada,
Ratoeiras p'ra pardaes,
Assucar e marmelada.

Sabonetes e perfumes
Vende ás duzias e ao milheiro,
Veude tudo, tudo tem,
Só lhe falta ter dinheiro!

—✠—

Havia um homem que se gabava de adivinhar tudo o que estava para acontecer. O rei, informado d'isso, mandou-o chamar e disse-lhe:

— Visto que adivinhas tudo, dize-me cá de que has de tu morrer.

— De febre, meu senhor.

— Enganas-te, que vaes já ser enforcado, para te ensinar a ser trampolineiro.

Dito e feito. Quando, porém, estavam a enfiar-lhe o laço da corda no pescoço, o intrujão exclamou:

— Ora vejam se não tenho febre!

Assim era, com effeito; e essa exclamação salvou-lhe a vida.

—✠—

Um sapateiro mandou a um freguez uma conta assim concebida:

Recebi do sr. F... a quantia de 2$600 réis, proveniente de um concerto de sapatos, dito do menino, solas do senhor, meias na senhora e uma tomba na creada

—✠—

Um escriptor á altura

Um escriptor francez, Henry Leyret, querendo publicar um livro ácerca do operariado parisiense, estabeleceu um armazem de vinhos em um *faubourg*, e durante alguns mezes contemplou, escutou e interrogou os freguezes que desfilavam diante do balcão ou se sentavam ás pequenas mesas da loja.

Quando terminou o seu inquerito, fechou o armazem e escreveu a obra, que intitulou: *En plein faubourg*.

Bem se póde dizer que é escriptor consciencioso e que não escreve sem conhecimento de causa. Nem todos, porém, podem estabelecer armazens de vinhos!

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

---

alguma coisa de comer, a não ser, continuou sorrindo, que esses estrangeiros de turbante o admittam na sua sociedade.

— *Sir franklin* affiançou o templario, os meus escravos sarracenos são verdadeiros musalmanos e as relações com um judeu são para elles tão despreziveis como para qualquer christão.

— A dizer a verdade, disse Wamba, eu não vejo em que os sectarios de Mafoma e de Termagant tenham tanta superioridade sobre o povo que foi outr'ora escolhido de Deus.

— Elle sentar-se-ha ao pé de ti, Wamba, disse Cedric; um doido e um impostor ficam bem um ao pé do outro.

— O doido, respondeu Wamba levantando um resto de toucinho, saberá oppôr um baluarte contra o impostor.

— Silencio! disse Cedric, elle ahi vem.

Introduzido com pouca ceremonia, avançando com receio e hesitação, e fazendo repetidas venias com ar de profunda humildade, um velho alto e delgado, mas a quem o habito de se curvar fazia perder um pouco da sua estatura, approximou-se da extremidade mais baixa da meza. As suas feições regulares e finas, o nariz aquilino, os olhos pretos e penetrante, a sua testa elevada e sulcada de rugas, a sua barba comprida e os cabellos grisalhos poderiam formar uma bella physionomia se não fossem os signaes peculiares de uma raça que, n'essa opoca de ignorancia, era odiada pelo vulgo credulo e cheio de preconceitos, perseguida pela nobreza avida e rapace, e que, talvez em consequencia d'esse odio e d'essa perseguição, tinha adoptado um caracter nacional, em que dominavam, para dizer o menos mau, a baixeza e a descortezia.

O fato do judeu, que parecia ter soffrido muito com a tempestade, consistia n'um capote ordinario de grande roda, cobrindo uma tunica côr de purpura escura. Trazia botas altas guarnecidas de pelles e um cinto, do qual pendia uma pequena faca assim como um estojo com os materiaes necessarios para escrever, mas nenhuma arma offensiva. Na cabeça usava um barrete amarello, alto e quadrado, de fórma particular, imposta aos da sua nação para os distinguir dos christãos, e que elle tirou com muita humildade á porta da sala.

A recepção d'este personagem na sala de Cedric o Saxão poderia contentar os mais encarniçados inimigos da tribu d'Israel. O proprio Cedric só respondeu ás successivas reverencias do judeu convidando-o com um gesto a sentar-se na extremidade inferior da meza, onde, no emtanto, ninguem quiz fazer-lhe logar. Pelo contraaio, á medida que elle ia passando, com ar supplicante, em torno de cada um dos que occupavam a extremidade mais baixa da meza, os creados saxões estendiam os cotovellos e continuavam a devorar a sua ceia com grande attenção, sem fazerem caso algum das necessidades do novo conviva. Os frades que acompanhavam o prior persignaram-se com mostras de um piedoso horror; e os sarracenos, quando Isaac chegou junto d'elles, cofiaram os bigôde, com indignação e levaram as mãos aos punhaes, significando que empregariam esse meio como ultimo recurso para se livrarem do contacto do judeu.

Provavelmente os mesmos motivos que tinham induzido Cedric a abrir a sua casa a um filho de um povo precito tel-o-hiam feito insistir com os seus servos para que recebessem Isaac com mais cortezia. Mas o abbade tinha n'este momento começado com elle uma discussão muito interessante sobre a caça e as qualidades dos seus cães favoritos, a qual elle não teria interrompido por assumptos de muito maior importancia que o facto de um judeu ir deitar-se sem ceia.

(Continúa.)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, sêmeas e arroz nacional.

Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Mannes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

N'ESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo acelo e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 80 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

Aprendiz de typographo

ADMITTE-SE n'esta typographia um que saiba bem lêr e escrever. Garante-se-lhe ordenado.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO